

Maurílio Doniciano em:

UM BRASILEIRO



UM BRASILEIRO

Direção: Rubens Curi

Texto: Sérgio Carvalho da Fonseca e Rubens Curi

UM BRASILEIRO

Espectáculo Teatral – Monólogo

Duração: 60 Minutos

Idade Mínima: 12 anos

*Migrente chego de graça, a futuro é incerto,
Bem-vindo sou não entre os humanos
E bem-vindo seja o fruto de nossa arte, a misantropiação.
Sou eu Migrente, não é pai de todos,
Após pelas três senhoras "donas da verdade".
Após é na hora de nosso migrar!*

"UM BRASILEIRO" conta a história do "meu João da Silva", um migrante radicado em São Paulo, que, após enfrentar inúmeras dificuldades, vive um grave momento de crise onde o sentido se apresenta como sua única alternativa. Neste momento crucial, ele acontece uma revelação transformadora. Devido a ela, não mais se vê como deslocado e vítima, mas se compreende como o forte e especial que, apesar de todas as graves dificuldades, nasce em força. Esta força tem sua origem em sua história e seus conflitos pessoais, e que é o seu maior tesouro, com a qual impregna tanto seu dia-a-dia como suas ações e realizações junto à sociedade e sua volta. Revê memórias e as emoções que carregam, situando-as pelo viés da revelação, encontrando-as contraditórias, amorosas, felizes. Seu olhar passa a ser o do observador consciente de seu papel, questionando e fortalece sua capacidade/inteligência de refletir a cultura diferente pelo viés de lutas, gratuidade, inteligência e bom humor. Desta forma "O João" se reconstrói e se reinsere na – liberta na!

O espetáculo se detém sobre a questão de como que migrante para as grandes cidades e passa a contribuir para a formação e desenvolvimento humano, social, econômico, estrutural e cultural dessas cidades. Partimos da ideia de que o protagonista não é um cidadão e sofrido, como normalmente é considerado o migrante que não conquistou poder econômico na social. Nosso objeto é mostrar que o migrante traz dentro de si uma força e os conteúdos que o fará conquistar seus espaços na nova cidade. Uma representação a chegada de força, amor, fé, esperança, trabalho que são fundamentais para a formação da identidade e da realidade cultural e humana das cidades.

O texto original, de Sérgio Carvalho da Fonseca, faz parte do repertório do ator Maurício Domitiano, que o experimentou durante quase dez anos, como performance, em suas andanças por cidades, teatros e grupos. Ao se estabelecer a parceria com o diretor Fabiana Curt, esta propôs mudança na concepção dramaturgical, e o texto foi reescrito e ampliado, de forma a se tornar um espetáculo teatral e potencializar os aspectos positivos da questão do migrante e sua contribuição.

O ator interpreta, além da personagem central, cinco personagens fundamentais na construção da história de João. A cenografia, o figurino e a iluminação, respectivamente de Daniela Thomas, Claudia LeKaptir e Clari de Brito, dialogam pelo viés da diversidade cultural.

A proposta é que "Um Brasileiro" se construa através de um lugar onde a razão não seja o foco principal, mas sim a emoção e as interações subterâneas desta personagem que encontra o caminho da expressão inteira e espontânea, conduzida pela urgência da felicidade física e inteligente.

UM BRASILEIRO

Sérgio Cavalcini da Fonseca e Roberto Curti
Direção e Adaptação: Roberto Curti

CENA I

*É aberto o porta para a plateia entrar.
Enquanto a plateia entra a personagem está sentada na Esplanada Balneária.*

— PERSONAGEM SINAL

- Aproximadamente 30 minutos, após abrir o portão

CENA II

Mas a inveja é a pior virtude que um coração pode ter e a mais conceber.

Aí hoje não entendi se mamãe era algum tipo de gossadora...

É que tinha nome de santo e que, portanto, nos receberia de braços abertos. São Paulo.

Então, quando eles perguntavam a data de nascimento, a gente dizia: nasceu toda genteia...

Diffícil mesmo foi colocar nome na menina, já não tinha mais o que inventar...

Dancei com um vinte, já tava naquela situação. Cais sabem né, numa secura, numa vontade danada de dá.

Hoje é moleza, têm dedicado ofendendo tudo e reclamando, reclamando, reclamando.

Podia ficar tranqüilo meu Senhor, que não vai querer trabalhar.

A gente não sabe mais se está preta ou com gases...

Pedreira, encanador, eletricitista, pintor... Ai nasceu um carapá na testa.

Eu nunca saí de meus fracos, mas às vezes eu olho pra esta mulher e me pergunto se ela não tem pacto com os diabinos.

Me lembro ainda do dia que a encontrei, tão linda...

Enfim como podem eles, um bando de covardes, ameaçar a nós que somos machos de verdade.

"Como podem irmãos meus, da mesma terra, da mesma cara, da mesma fala, pegar alguém e presentear-la com a dor." "Covardes!"

CENA III

DE JOÃO: Era uma noite como outra qualquer, com estrelas e lua lá no céu. Mas o céu estava diferente, agitado mesmo, eu diria... os Senhores donos... os Senhores donos da verdade... os Senhores donos da verdade ralhavam os dentes... "os Senhores donos da verdade ralhavam os dentes de [sua] inveja..." ...INVELA... inveja por tão fantástico pessoa ter vindo ao mundo naquele dia marcado para ser o mais incrível e especial dentre todos os dias, e jamais visto desde então. E foi assim que no dia 23 de julho de 1969 veio a nascer: Euff! Nada mais incrível ou maravilhoso, minhas

senhores e meus senhores, de que esta oportunidade que lhes está sendo dada: A de conhecer este Brasileiro que aqui está e... que é gostoso, trabalhador, honesto, inteligente, feliz, amigo, bonito... muito bonito... Você aí! Não olhe assim para mim, que eu sou diumento. Agora, preste atenção, que não estou falando do diône que muitos dos senhores e senhoras estão acostumados a praticar, cheio de posse e medial. Falo de um tipo de diône diferente, do bem. Daquele que cuida, que presta atenção para que de mim não seja roubada, surrupiada aquela verdade aqui dentro e que é um sonho meu. Sonho onde desejo que esta verdade seja compreendida por todos! Todos os migrantes deste mundo de meu Deus. Todos os que como eu saíram de suas terras, em busca do sonho, de melhores condições de vida, e que trazem consigo a coragem, a fé, a esperança e sua melhor tesoura, que são suas origens, suas histórias e a de seus pais, avós, bisavós, de suas cidades, povos, regiões; suas lendas e crenças, suas infâncias, suas juventudes, suas velhices, suas sabedorias, inventividades, criatividade... Mas onde estávamos mesmo? A sim! No meu incrível nascimento... Como eu já havia dito, os tais senhores donos da verdade riaram os dentes de inveja pôr tão magnífica criatura ter nascido na terra... Mas a inveja é a pior virtude que um coração pode ter e a mente conceber. (tom) Vejam então, meus senhores, que eu, um predestinado para as coisas mais fantásticas do mundo... nasci brasileiro... E neste nosso país onde os tais senhores donos da verdade, com seus surtos de imacionalidade e desamor, também vivem a cagar e desmajar regras com seus dedos... em rito... "polite, analfabeta, burro, sem cultura, classe baixa, subnutrido, subdesenvolvido, mão de obra barata,"... Sim! Nasci brasileiro... e lá no calafundo de Judas, onde ele mesmo perdeu as botas e que peste de ninguém há de encontrar... Por aquelas banda a sorte não estava do meu lado... e ainda pior... nasci pobre... Ah!lá, a palavra pobre é muito pobre, pois no caso, para dar um pobre tinha que juntar meu pai, minha mãe e meus quatorze irmãos.

Regente da Silva, que tá lá em Bragança
Rubens da Silva, que tá lá em Curitiba
Ricardo da Silva, que tá lá em Camboriú
Jacinto da Silva, que tá lá em Porto Velho
João da Silva, que tá lá em Goiás
Juvêncio da Silva, que tá lá em Conquista
Braz da Silva, que tá lá em Miguel
Brasão da Silva, tá lá no Rio
Zezé da Silva, que tá lá em Pelotas
Zilzila da Silva, qu'ita lá nas Alemanha
doem ing que caga,
doem ing que caga,
doem ing que caga,
doem ing que caga,
e a Dolores da Silva, que tá lá em Itajaí,
João João da Silva, que tá lá em Porto Alegre,

José João da Silva, que tá lá em Macaíba,
José João da Silva, que tá lá em Cuiabá,
José João da Silva, que só tá e que tá lá
que só tá e que tá lá
que tá lá, qui co'í' lá
que tá lá, qui co'í' lá
que tá lá, qui co'í' lá

CENA IV

ZÉ JOÃO

Éra uma noite como outra qualquer, com estrelas e lua... lá no céu...

PAI

[*Entrando figurino Pai*] Éra uma noite como outra qualquer, com estrelas e lua lá no céu. Eu ouvi a mãe volta um barulho, parecendo um ferro apertado, e logo pensei: deve se os gases - ela sempre sofreu de gases. Disseem que é do cozinhar o feijão na mesma água que fica de molho, mas ela nunca que acreditava quando eu dizia, e passei a vida inteira perdendo... Então, deu outro bano, maior que o primeiro. Vi que era de dor e corri prá avó. Quando cheguei no terreno, olhei pra ela, ela olhou pra mim, segui o olho dela e vi aquela coisa caída no chão. Primeiro pensei: mais uma boca para alimentar. Mas depois pensei: melhor quem alimenta quatorze, alimenta quinze, não é mesmo? Agora, o difícil mesmo foi colocar nome no menino. Lá não tinha mais a que inventar. Então decidi repetir igual as dos três últimos... [*tam*] A gente não registrava logo, não, tá, o cartório ficava longe demais e era complicado de chegar lá. Pois no meio do caminho sempre que tinha rabo-de-saca ou uma pingüinha de boca pra amassar a vida. Então, levei um tempo prá fazer os registro do moleque. Olha sabe, né... um, dois, três anos, as vezes um gatinho mais. Até que um dia deu certo de eu num tá muito chegado numa pinga e a mulherada tá naqueles dia. E lá cheguei, com vergonha danada em dizer pro estrovente que a criança já tinha nascido há um tempo. E era assim, então. Quando ele perguntava a data de nascimento, eu dizia: nasceu inde gorinha... faz dois dias!

ZÉ JOÃO

Essa é meu pai! Que de tanto embuchar a minha mãe, cansou de dá nome pros moleque e por fim achou mais fácil dar um nome só pros três últimos. José João da Silva, José João da Silva, José João da Silva. Com que você quer falar?

ZÉ JOÃO MENINO

Se qui fala com quem? Com quem você qué fala? José João da Silva sou eu. Eu sou José João da Silva. Olha para minha cara? E olha para a cara deles. Num vê a diferença?... Olha pro meu brel! Olha pro brel deles... Eu só o Zé João, viu! José João da Silva sou eu, eu sou o Zé João!

É JOÃO IMITANDO MENIGO:

(Veste o terno, imitando um mendigo. Ajoelha-se no Centro do Palco) Vejam só que coisa de sorte a minha, nascido pra ser um ser único, acabei sendo confundido com meus outros irmãos. Mas afinal, pra que serve um nome numa terra onde o nome é a coisa que menos vale, pois se vallesse alguma coisa, a gente tinha vendido em troca de comida...

...Mas não era uma vida tão ruim assim, junto dos meus irmãos. De manhã mamãe não deixava a gente brincar antes do horário do almoço - (tom) "Pra guardar a energia dos ossos", dizia ela.

Aí hoje eu não entendo se mamãe era algum tipo de gaseira, pois a gente passava a manhã inteira guardando a energia dos ossos, na espera da hora de comer, e quando a hora chegava, tinha dias que não tinha o que comer e tinha dias em que de que comer quase não tinha. Na maioria das vezes a gente passava o dia inteiro guardando a energia dos ossos...

É MÃE:

Meu pai? (Tira o figurino de mendigo) Meu pai chegava de noitezinha. E sabe quando é que ele fazia uma mistura pra gente comer? Quando o São Pererê e Nossa Senhora se encontravam na encruzilhada, com vento a cento e sessenta por hora, debaixo de uma tempestade daquelas cheia de relâmpago e trêzejeando de baixo pra cima... ou seja, (tom) nunca... E assim se passou minha meninice: de dia guardando a energia dos ossos, como dizia minha mãezinha, e à noite, descansando, na espera de que no dia seguinte tudo mudasse, com a graça de Deus... Não era uma vida tão ruim até aí, de dia guardava a energia dos ossos, de noite sonhava com uma vida melhor... de dia guardava a energia dos ossos e de noite sonha com uma vida melhor...

CENA V

É JOÃO:

(No centro do palco) Era uma noite como outra qualquer, com estrelas e lua... Lá no céu...!

MÃE:

(Vestindo figurino Mãe) Era uma noite como outra qualquer, com estrelas e lua lá no céu. Ai eu comecei a senti aquelas dor de peste... Pensei que era gases, sabe como é que é, naquelas lenjura e com as dificuldades da vida, depois de quatorze filhas, a gente não sabe mais se está prenha ou com gases. Como vocês sabe, pra se livrar do aperto que dá, força daqui, força dali... sabe. Eu até pensei que ia sai por trás, mas acabou saindo pela frente mesmo. Num era peido, era muleque. Quando olhei pro chão, tava lá, feio de dá dó... Sempre que nasce muleque, as pessoas fica dizendo: Nossa, parece com o pai. Óia que é parecido co'a mãe. Mas para mim se parece sempre é com o avô, careca e desdentado. É... mais um... Como filha é coisa de Deus, a gente faz o que pode com o que Deus dá... A meninice dele foi igual a dos outros irmão, nada de diferente, descansava de dia e de noite também. Não tinha muito que fazí naquela fim de mundo, naquela miséri de meu Deus...

(Delirando e girando lentamente, no Centro Alto)

Se eu tivesse, se eu tivesse
ai meu Deus o que comer,
é sinal que não se esquece
que fiz algo pra viver.

Meu Deus de bondade e amor,
na dia em que sua ajuda chegou.

Pode ficar tranqüilo senhor,
Que nós sei querer...

(Intomando-se, envergonhado) trabalha, né?

Quando os filhos vai crescendo, ficando moço, num querem mais ficar por aqui não!
Cêis sabem, né? Num tem emprego, num tem trabalho, num tem dinheiro, então eles
têm que procurar coisa melhor pra futuro deles... e vão indo embora, um pra cada
lado... cada um pr'uma conjura diferente... ruída da vida...

ATOR:

(tirando figurina Mala) Cuida da vida... Eu fapo!

2º JOÃO:

... da vida cuida eu vou

... da vida cuida de vida,

... cuida da vida eu vou

... Da vida cuida eu, que ninguém vai me cuida

...Ninguém vai me cuida, então da vida, faço eu... cuida!

Quando tinha dezessete anos, esputei uma conversa de uns conhecidos novos, daí
das redondezas. Diziam que estavam indo pr'um lugar maravilhoso, cheio de coisas,
de gente e de trabalho do bom, que dava muito dinheiro, e que tinha nome de santo,
e que, portanto "nos receberia de braços abertos; SÃO PAULO". Fiquei todo
assanhado e pensei: é prá lá que eu também vou. Uns tempos depois, de tanto
desejar, contando com a caridade alheia, comprei passagem e vim!

(indo para o público) Meu irmão mais velho puxa com força o cobertor de saco.
(pergunta NOME de alguém e anota) Vêjo a escuridão, o dia que ainda não clareou.
Fico parado, como se fosse uma tartaruga com medo. (pergunta NOME de alguém e
anota) Levanto e, sonolento, atravesso a casa em direção à casa no fundo do quintal.
(pergunta NOME de alguém e anota) Frio, água gelada, escova de dente, pão com
café, a velha mala pequena e de couro. (pergunta NOME de alguém e anota)
Despendidas tímidas na porta, mamãe, papai, meus irmãos, o medo. (pergunta
NOME de alguém e anota)

(voltando para o Centro de Polvo) É aquele garoto com sua esperança... Aquele
garoto com fome... Fome de conquistar os seus sonhos...

CENA VI

[Lê a carta. Cada trecho será lido citando o nome de uma das pessoas. Lê como se estivesse numa cama macia e cheia de almofadas – divertindo-se fazendo uso dos braços.]

Primeiro nome: ... pegou a mala e a estrada. Foram dezessete quilômetros de chão batido, de acenos de amigos e vizinhos, de decisões, de angústias... E com o destino sussurrando ao pé da orelha. Pronto! A rodoviária da cidade vizinha. Os degraus do ônibus são símbolos da infância para trás e da vida para frente. Fulano pensou: Tô indo!

Segundo nome: ... sentou na janela e o ônibus pegou a estrada. Vale a vontade de colocar a cabeça pra fora da janela, e o vento foi acarinhando a fisionomia de garoto. Paisagem corre e o mundo cresce diante dos olhos arregalados. Pelas narinas, o cheiro de pau queimado e tantos outros cheiros, verdes, amarelos, vermelhos, azuis, brancos...

Terceiro nome: ... estava sozinho no banco. Ao seu lado a bolsa azul. Era à hora de dizer para os companheiros de viagem. Todas as ilações e jocos estavam ali, e também aquele desconforto desconhecido. O que é isso no meu estômago; esse embaraço que sobe e desce amarrando a boca? Acho que é dor de garganta, pensou. Deve ser assim mesmo! E dormiu.

Quarto nome: ... com um chacoalhão dado pelo ônibus, abriu os olhos e era noite com lua e estrelas lá no céu. Tô sonhando? Não, é noite mesmo! E voltou a dormir para acordar já de dia, com o ônibus parando num lugar grande... soube que era grum tal café da manhã. Desceu também e se deu conta que era para comer, e que para comer precisava de dinheiro, e que dinheiro tinha pouco, muito pouco e não devia gastar. Lembrou dos pães com banana que a mãe colocou na mala. Pronto! Resolvido, por enquanto!

Quinto nome: E o ... nos conta que naqueles dois dias de viagem, enquanto terminavam os pães com banana, as cidades iam ficando cada vez maiores. Tantas rodoviárias, tantas caras diferentes, tantas falas diferentes e tantos sorrisos se cruzando. Fulano já se sentia diferente: mais instruído, mais forte e ao mesmo tempo aquele frio na barriga, hora gostoso, hora assustador. Eita que o coração bate que bate pela boca. Como é grande esta cidade! Olha quanta gente, carro, casa... prédios, vielas! Que confusão é essa? E, tá na hora de ficar mais esperto ainda!

[Observando e guardando a carta na bolsa, enquanto se levanta.] E cheguei no meu destino. Como tinha gente ali! Todo mundo espantando, andando rápido pra lá e pra cá... De tanta gente que vi, as pernas amoleceram, o peito gelou, a barriga ardeu, os olhos esticaram, os ouvidos afirraram, a cabeça esquentou. Medo! Muito medo!

Foi aí, o meu primeiro tubarão em direção a ela.

CENA VII

DE JOÃO: (arrumando e trazendo de lugares os trocises sobre a chita)

(semboiada)

Homem brilhante e inteligente.

Mais muito que muita gente

Assim me achava diferente,

Não mais de tanta gente

que na boca tinhamos dente.

(tom) Mas que cor esquisita, este cinto de rodoviária?

(Canto chilo)

Yneçô, zozoz, zioz

Qu'este nome tem

Sacrifica um sem virtudes

Um iludido que p'ra'qui vem

Aaaê, Aaaaahando que aqui tem

Taxado que lá não tem

(tom) Mas que cor esquisita, este cinto de rodoviária???

(Sertanejo - melodia de Menino do Porteiro)

Andas um ninguém com fama,

agora um operário.

Trabalhando de pedo, sem nome,

e com uma bosta de salário.

(tom) Mas que cor esquisita, este cinto de rodoviária???

Bem, vamos ver, vamos ver... trabalhei de..., trabalhei de..., trabalhei de..., trabalhei de... Hã! E teve o metrô!

Ê, lá eu trabalhei de sol e varitas que sol o quê! No buraco do metro não sei se sai. Tô água infiltrada, lama, barata, rito... Ê, você aí, todo pedreiro na obra! Você sabe qual a diferença entre uma barata do metro e um pelo de obra? Ahê! Ahê! Ahê! Não? Não sabe? Não sabe mesmo?... Pois então eu conto! A diferença é que barata você sabe quantas você mata, e o pelo ninguém conta quantas se dispensa. E foi assim comigo, viu! Quando foi um dia, um senhor de seus quarenta anos, pediu de fazer inveja a qualquer morto de fama, sem nenhum bom motivo... me dispensou...

CENA VIII

DE JOÃO:

Era uma noite como outra qualquer, com estrelas e lua... Lá no céu...

PLÃO:

Era uma noite como outra qualquer, com estrelas e lua lá no céu... Pelo menos eu acho, por que a gente, que trabalha no buraco do metrô, nunca sabe direito se é dia ou noite... Como José João da Silva/Lumière! O Zé João! Trabalhei com ele, sim; na obra do metrô tinha azul. Naquelas tempo era mais difícil! Hoje não! Hoje é molero, têm sindicato offendo tudo e reclamando... Ee! Moem, saímo junto algumas vezes, e gente gostava de i no forró... lá do final. Ô, tempo bom! Multurada a lá com pau. Ele até se estabeleceu como uma dona lá. Parece até que foi com ela que ele ajunta...

Anímel não. Depois que ele foi mandado embora, não deu mais notícia. Acabô qu'eu nem fiquei sabendo onde foi pará! Eu? Bem, eu continuei trabalhando mais um tempo lá no metrô, até que um dia, aquele mesmo gente que manda o Zé embora, invocou comigo, dizendo que eu tava fazendo corpo mole, que eu era um preguiçoso... e lá foi eu! DEMITIDO!

DE JOÃO:

É, fiquei sabendo do ocorrido! (apachando-se) Belarmino... esse é o nome dele. O mais engraçado desta história é que o gente, quando me dispensou, me chamou de Belarmino! Acho que pra ele todos nós ali, os irmãos Belarmino ou Severino.

Oh, Belarmino. Você era tão demais... Que maldade da vida! E além de isso, apalermado, avolin mais de tudo, como quem está e não vai... Confuso!... Surtia de medo encruado!

(Virando-se para Deus, ao alto) Olha, seu todo poderoso, se tem uma coisa que eu fiz com os dois pés atôis, é com gente que tem medo... ai, ai, ai... tá uma coisa que é pior do que facada pelas costas! (rápido e agressivamente aponta alguém na plateia e sai velozmente em direção a ele, em diagonal até a Direita Alta, e sai do palco) Você aí?... (para a Plateia) Ficou com medo?... (para a Plateia) Depois do ocorrido, onde foi parar o Belarmino, eu não sei. Mas eu, uns tempos depois, consegui um trabalho na Cia. de Seguros Jesus Te Chama. Sim, uma companhia de (tom) Seguro de Vida! Empresa grande, respeitada, de sucesso e pagava bem, viu! E olha só: tinha filial nos Estados Unidos e tudo! Sabem como é o nome da empresa, por lá? JESUS CALL YOU!!

Quer ver como eu fazia?

(Escolher alguém da plateia e improvisar uma venda do Seguro de Vida até finalizar sem a frase: A GENTE TEM DE CUIDA DA SAÚDE ENQUANTO ESTÁ VIVO!)

CENA II

(início um processo de loucura e desespero crescente, sempre perguntando VIDA? MORTE? - anda pela plateia, volta para o palco, onde continua a perguntar desenfreadamente até que cai, na Direita Alta)

(alguns, ri) Eu tinha medo de morrer. Me cagava de medo de morrer. Todo mundo tem medo de morrer... que coisa isso? Tá todo mundo enfeitado de saber que é a única coisa que a gente tem certeza... todo mundo fala isso por aí... só que falar é uma coisa, né!... e pensar direito, é outra bem diferente... É chegar pertinho dela, (tom) da morte, é mais diferente ainda! ...É tem uma coisa, também... Morrer é morrer! Não tem morrer certo ou morrer errado... Morrer!... Morre é lá com Deus!... Agora, viver! Ah! Viver é co'a gente mesmo... e tem que saber, viu! Pra não cair nas armadilhas que aparecem pra matar a alma da gente... e esse tipo de morte não é Deus que manda, não senhor!... é gente, gente que tá aqui, nesse mundo... gente como a gente... gente que não gosta da gente, gente que tem medo da gente, gente que nem conhece gente...

(Anda para o Centro do Palco, demonstrando que está sendo observado por muitas pessoas) Era uma noite como outra qualquer, com estrelas e lua lá no céu... Era domingo. Foi dar umas voltas pra espalhecer as idéias. Depois de andar vagando pela

(Anda para o Centro do Palco, demonstrando que está sendo observado por muitas pessoas) Era uma noite como outra qualquer, com estrelas e lua lá no céu... Era domingo. Foi dar umas voltas pra espalhecer as idéias. Depois de andar vagando pela

cidade, lá pelo começo da noite resolve voltar. Virando uma esquina daí de cara com uns 10. No começo estava tão distraído com minhas idéias que nem me dei conta das cabeças raspadas. Mas eles me viram e vieram pra cima de mim. Enquanto eu apertava, o pensamento que me vinha era: o que foi que eu fiz? No começo tentei me defender, mas me faltavam pernas e braços. Aparentei querer um cachorro até que a sirene do carro da polícia espantou aquele [juntamento... juntamento... juntamento... de...] [foi no Centro do Povo, estatelado de pernas e braços apertados] capetas.

[Tempo] [colme] E eu lá... no chilo... mais grá lá de que grá cá... [Tempo] [sentando-se de pernas abertas] [tom] Você sabem o que eu não entendo? Eles eram gente, como eu. Ali tinha de tudo, filho de nordestino, de negro, de alemão, de árabe, de polonês, de judeu, de russo e de tantos outros... Como podem irmãos nossos, da mesma terra, da mesma cara, da mesma fala, pegar alguém e presentear-lo com a dor. Sem atender nenhuma súplica sem ter nenhum amor.

[Ficando sentado sobre os pernas e apoiando as mãos no chilo] Entendi que aquelas caretas, que marcavam a cabeça daqueles otários, seriam só pra ventilar a merda que está debaixo do coudeiro. Mas que merda de inteligência minada a destes pinalhões que pensam que nós roubamos empregos, diminuímos salários, enfraquecemos e degeneramos a rapa... o que eu sei e entendi é que na verdade eles são inimigos, é de trabalho... e da beirada da vida... Infere como podem eles, um bando de covardes, limpar a nós que somos machos de verdade. O problema é que eles batem em bando, e nós [tom] apertamos socinhos.

E assim, olha eu lá, passando pelo segundo subsolo em direção a ela.

CENA II

JOÃO

Mas tem Maria, sim Maria, quem haveria de saber que depois de tantos problemas e porradais, apareceria tão belo motivo pra viver... me lembrei ainda do dia que a encontrei, tão linda... foi no terrô do Itá. Tão tímida ao lado das amigas.

Antes de casar a mulher era uma, depois, a mulher virou outra. Não queria ruído da casa, fazer almoço, jantar ou lavar roupas.

Nunca saí de meus tratos, mas às vezes eu olhava aquela mulher e me perguntava se ela não tinha pacto com o capeta.

Foi que sempre nos enganamos, pelas aparências. Confesso que comigo, também foi assim. Não sei do que ela gostou em mim. Talvez o meu lindo rosto de astro internacional.

Minha casa não era ruim. Foi alugada dias antes do casamento. Tudo bem que os cômodos eram apertadinhos... pelas janelas não passavam nem vento. Enquanto um dormia outro ficava de pé. Mas nessa casa tive muitos problemas. Era só eu sair para outro entrar. Sempre existia algo para consertar. Pedreiro, encanador, electricista, pintor... Ah, nasceu um carego na testa e cada dia mais, ali ficava com dor.

Mas mulher é assim mesmo, quando não tem o que fazer fica deitada o dia inteiro, e ainda transforma a cama em área de lazer. Mas eu ainda amava... realmente eu

amava muito aquela... piranha. Ela já não me amava mais... Dizia pra todo mundo que, agora, amava um tal de Raimundo.

CENA XI

Éra uma noite como outra qualquer, com estrelas e lua... Lá no céu...

MARIA (tirando a camisa e vestindo figurino Maria) Éra uma noite como outra qualquer, com estrelas e lua lá no céu. Coloquei o meu melhor vestido, salto dez e lá fui eu, pra melhor forró do bras. Dançei com um vinte, já tava naquela situação. Cêis sabem né, numa sacura, numa vontade danada de dâ. O último que eu dancei foi com o Zé João. O homem afobado sê! Cêis sabem né? A gente dançou, depois ficou enfiado num cantinho escuro... ô home afobado, uê!...

- (imitando Zé João) Posso pegar na sua mão?

- (imitando Maria) Pode!

- (imitando Zé João) Posso fugar no seu cangote?

- (imitando Maria) Pode!

- (imitando Zé João) Posso pegar na sua queixinha?

- (imitando Maria) Pode... Epê! Peraí, aí inde não pode!

Vivemo um tempo junto... ô... foi bem enquanto durou. Cêis sabem né, a culpa foi mais dele do que minha, de ter acabado. Ele vinha trabalhando e quando chegava em casa fazia aquelas ventinhas bestas, aquelas caras de apalsonado torto, querendo fazer "amor" todo dia... um grude... um enche... Aí foi vindo um, outro e mais outro, até que o Raimundo me pegou de jeito...

ZÉ JOÃO: (brando figurino Maria) Na cama... na nossa cama... flut, flut, flut, flut... ali na minha frente, gemendo, uando... dois bicho no céu... e eu vi que era bonito, mais bonito do que namoro... ô... dava gosto de vê ela pulando em cima dele, balançando os peitinho... fê! ele? cala macho, sim... sabia das coisa... e isso foi o que mais me foderu: ele fodendo ela melhor do que eu fizerei um trapo. Larguei tudo. Sabem, buraco? Buraco bem escuro e fundo de onde parece que a gente nunca que vai sair? Não levei nada de meu e fui dividi um quarto festoento, nos quintos dos inferno, com um cara que tinha choro, jeito e manha de capeta... ele ficava na dele eu eu na minha...mas gostava quando ele ficava repetindo: os deuses do Olimpo ríam com os dentes de inveja... repetia, repetia, repetia e ficava girando aquele bandido revolver que tirava do fundo da gaveta do criado mudo... aquilo não me cherrava bem... Parecia que um arame-farpado invisível amarrava aquela arma em algum lugar, aqui dentro da minha cabeça... a arma... um tiro... adeus Maria!

O ATOR interrompe a interpretação e arruma o palco para que fique exatamente como estava no início do espetáculo, inclusive colocando a arma no lugar inicial. Após terminar o texto em duplo, vai para o Direito Balco e canta do palco, pega a arma, coloca na cabeça.

CENA XII (Agora dito de forma cômica.)

Mas a inveja é a pior virtude que um coração pode ter e a mente conceber.

Até hoje não entendo se mamãe era algum tipo de gozadora...

É que tinha nome de santo e que, portanto, nos receberia de braços abertos!

São Paulo,

Então, quando eles perguntavam a data de nascimento, a gente dizia: nasceu linda porinha...

Difícil mesmo foi colocar nome na menina, já não tinha mais o que inventar...

Dancei com uma viúva, já tava naquela situação. Cês sabem né, minha sogra, numa vontade danada de dâ.

Hoje é maluca, tem dedicado a tudo e reclamando, reclamando, reclamando.

Pode ficar tranqüilo meu senhor, que nós sei querer trabalhar.

A gente não sabe mais se está prenha ou com gases...

Pedreiro, encanador, eletricitista, pintor... Aí nasceu um carço na testa.

Eu nunca sofri de mágoa trates, mas às vezes eu olha pra esta mulher e me pergunto se ela não tem pacto com os diabos.

Me lembro ainda do dia que a encontrei, tão linda...

Enfim como podem eles, um bando de covardes, ameaçar a nós que somos machos de verdade.

Como podem irmãos meus, da mesma terra, da mesma cara, da mesma fala, pegar alguém e presentear-la com a dor.

Covardes!

[agora colocar a arma no chão, como se ela fosse um bem precioso, para plântio]

Vocês conheçam os subúrbios que levam a... Liberdade?

BLACKOUT

[durante o Blackout a ator suspende o cordão, pelos ombros]

AUDIO:

Ave migrante, chris de graça

O futuro é parvoço.

Benedito sóis vós entre os humongos

É benedito seje o fruto de vosso ato

A Misicpenção.

Santo migrante, Mãe e Pai de todos,

Agorá peris talis senhores diabos da verdade,

Agora e no hora de nesse migrar.

AXÉ!

LUZ TOTAL.

Agora, transformando o cordão em um manto.

- É depois... veja, finalmente, a pessoa mais incrível e inteligente que o mundo contemporâneo jamais conheceu...